

# A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE KARL MARX PARA A COMPREENSÃO DA ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL

Adriana Aparecida Rodrigues (FAFIPA, [drikarodrigues66@hotmail.com](mailto:drikarodrigues66@hotmail.com))<sup>1</sup>;

Neide de Almeida Lança Galvão Favaro (FAFIPA, [Infavaro@bol.com.br](mailto:Infavaro@bol.com.br))<sup>2</sup>.

## RESUMO

A escolha desse tema está fundamentada na complexidade que o mesmo envolve ao ser trabalhado em nossa sociedade, pois infelizmente por estamos presos em um sistema de reprodução social (alienação), não somos capazes muitas vezes de compreender a formação e o desenvolvimento de nossa sociedade. Por intermédio de um levantamento bibliográfico o presente artigo tem por objetivo demonstrar a relação de dominação entre a sociedade capitalista e a estruturação do sistema escolar. Partimos do pressuposto que existe uma ligação entre a educação escolar e o sistema capitalista, pois a escola sofre influências diretas da sociedade capitalista. Para dar conta deste propósito, em um primeiro momento foi realizada uma análise histórica sobre o surgimento da sociedade capitalista; posteriormente sobre Karl Marx e sua visão sobre a sociedade capitalista. Essa análise permite desmistificar o sentido apresentado pelos governantes, de que a educação escolar esta sendo trabalhada de forma satisfatória. Esperamos que esse artigo possa contribuir para lançar um novo olhar ao sistema escolar, pois ao relacionar o ensino escolar com a sociedade, ficará visível entendermos, que as relações socioeconômicas, políticas e culturais alienadas pelo sistema capitalista, esta vedando os olhos da classe trabalhadora, a fim de atender interesses lucrativos próprios dos capitalistas e não da sociedade em um aspecto geral.

Palavras-chave: sociedade capitalista; sociedade trabalhadora; Karl Marx; sistema escolar.

## Introdução

De acordo com Andery et al (1999), as transformações socioeconômicas, políticas e culturais ocorridas no século XIX, proporcionaram mudanças significativas na vida em sociedade, se compararmos com as anteriores, pois se estava firmando o modo de produção capitalista, extinguindo-se o modo de produção feudal. E foi diante desse contexto de transformação, que

---

<sup>1</sup> Acadêmica do terceiro ano do curso de pedagogia (licenciatura plena), na Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba – Paraná. Participante de dois projetos de iniciação científica, sendo um deles o PIC – Projeto de Iniciação Científica e o outro o PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, sendo ambos os projetos em andamento na mesma instituição de ensino que realiza o curso de pedagogia.

<sup>2</sup> Este trabalho foi orientado pela professora Ms. Neide de Almeida Lança Galvão Favaro, que faz parte do departamento de educação, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba, Paraná.

Karl Marx se consagrou como, um dos maiores pensadores do século XIX, que influenciou diversas áreas, como, filosofia, história, economia, sociologia, entre outras.

Vivendo nos centros nevrálgicos dos acontecimentos, tanto seu trabalho intelectual como sua atuação prática são construídos ao longo dos anos, em íntima relação com os acontecimentos econômicos, políticos e históricos de seu tempo, e tanto seu conceitual teórico como sua prática política estão comprometidos com e são colocados a serviço da classe trabalhadora (ANDERY et al, 1999, p. 396).

Utilizamos como referencial teórico para a estruturação desse artigo, o materialismo histórico-dialético, pois acreditamos ser fundamental para que ocorra uma compreensão da estruturação de nosso sistema educacional, estabelecer uma relação entre os fatores de produção e reprodução da vida concreta estabelecida ao longo da história. Justificamos a utilização desse referencial, partindo do pensamento de Karl Marx, que foi o criador desse referencial teórico, que relata que o homem é um ser social e histórico, desse modo, para compreendê-lo é necessário analisar suas bases históricas.

Para compreendermos a contribuição do pensamento de Karl Marx, para uma possível compreensão de nosso sistema educacional, é preciso realizar um prévio estudo sobre o surgimento do modo de produção capitalista, para que conseqüentemente possamos analisar a contribuição de Karl Marx para a compreensão da sociedade capitalista, já que foi por meio de suas relações sociais, que Karl Marx se tornou muito, mas que um escritor, mas um sim, um desbravador. Esperamos que esse estudo possa além de auxiliar na compreensão da estruturação de nosso sistema educacional, que de acordo com Karl Marx, esta totalmente vinculada aos interesses da camada dominante, possa disseminar uma valorização sobre Karl Marx, que conseguiu compreender as contradições de sua época, assim, como a formação da sociedade capitalista.

## **1. O surgimento do modo de produção capitalista**

O surgimento do modo de produção capitalista ocorreu durante uma longa transição, marcada por inúmeros acontecimentos que se deram de forma variável em diversos países, que conseqüentemente proporcionou grandes transformações socioeconômicas, culturais e políticas na sociedade. De acordo com Aranha (2006), ocorria a substituição da terra pelo dinheiro, por meio da ascensão da burguesia sobre a ordem feudal. É importante destacar que

essa substituição ocorreu por meio de muita violência, seja ela no campo ou nas cidades, no qual em ambas o sentido era o mesmo, a luta pelo poder.

A Idade Média (sociedade feudal) é marcada por uma sociedade cristã, em um regime totalmente dominado pela Igreja Católica, que detinham o poder intelectual, subjugando toda forma de conhecimento e aprendizado existente a sua moral. Possuíam um modo de produção basicamente agrário, no qual normalmente produzia tudo o que precisavam para sua própria sobrevivência, não havendo a necessidade de dinheiro para comprar mantimentos. Suas relações sociais estavam pautadas na servidão da classe dominada, os servos, a servir a classe dominante, a nobreza feudal (PEREIRA e GIOIA, 1999).

É importante salientar, que o clero naquele momento histórico também era privilegiado, pois segundo Ordonez e Quevedo (1999, p. 64), “as armas da igreja no período feudal eram as orações e a piedade. Por meio delas o clero construiu seu poder sobre os homens”.

A partir do século XI até o XV, a Europa passou por profundas transformações econômicas, políticas e sociais, que levaram à desagregação do feudalismo e ao nascimento de um novo modo de produção, o capitalista, que progressivamente seria estruturado. Os principais acontecimentos que definiram essa crise foram: as Cruzadas e o Renascimento comercial e urbano (ORDONEZ e QUEVEDO, 1999, p. 69).

Segundo os mesmos autores, a partir da segunda metade da Idade Média, alguns fatores contribuíram para a ativação do comércio, dentre eles: a produção de excedentes agrícolas e artesanais, que podiam, então, ser trocados; e as Cruzadas<sup>3</sup>, que deslocaram milhares de europeus por meio do continente.

Com o crescimento do comércio, conseqüentemente cresciam as cidades, e assim aumentava a qualidade de vida das pessoas, além do que passavam a utilizar a moeda em suas negociações. Segundo Ordonez e Quevedo (1999, p. 73), “entre o final do século XI até o XIII, houve um crescimento populacional na Europa Ocidental, devido à ausência de guerras, batalhas e

---

<sup>3</sup> “No início do século XI os muçulmanos invadiram algumas regiões que pertenciam ao Império Bizantino, dentre elas, a cidade de Jerusalém, considerada a Cidade Santa para os cristãos, pois foi lá que Jesus Cristo passou os últimos dias de sua vida. Em 1095, o Papa Urbano II pediu aos nobres que organizassem uma expedição com o intuito de reconquistar Jerusalém. Essas expedições ficaram conhecidas como Cruzadas. Elas também tinham um objetivo econômico, pois seria possível conquistar cidades importantes. Apesar das várias derrotas sofridas e do enfraquecimento dos senhores feudais, as cruzadas trouxeram algumas transformações importantes para a Europa; dentre elas podemos destacar as transformações econômicas e culturais” (MANUAL DINÂMICO DO ESTUDANTE. *Ensino dinâmico de pesquisa*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1999).

epidemias e à maior quantidade e melhor qualidade de alimentos disponíveis, o que diminuiu sensivelmente as taxas de mortalidade”. Destaca-se entre as epidemias a peste negra<sup>4</sup>, que devastou grande parte da população européia.

Entretanto, como relata Pereira e Gioia (1999), essas cidades estavam localizadas em terras dos senhores feudais, nas quais os mesmos cobravam impostos de seus habitantes, sendo também responsáveis pelos tribunais em suas terras. Desse modo, muitas cidades se revoltaram e conseguiram sua liberdade. Devido à expansão do comércio, as cidades se desenvolviam e passavam a oferecer trabalho, principalmente nas cidades libertas. Os habitantes das cidades desenvolviam as funções do artesanato e a do comércio, desse modo, surgiu a separação entre o trabalho do campo e o da cidade, já que os habitantes das cidades não produziam seu alimento. Muitos servos foram libertos, por seu trabalho ser mais lucrativo para os senhores feudais na cidade do que no feudo, já que nas cidades que não eram libertas, os senhores feudais cobravam impostos.

É importante salientar que por meio da ativação do comércio, desenvolvia-se a acumulação primitiva. Karl Marx (1890, p. 830) relata que “a chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista”. Sendo que “como os meios de produção e os de subsistência, dinheiro e mercadoria em si mesmos não são capital. Tem de haver antes uma transformação que só pode ocorrer em determinadas circunstâncias” (MARX, 1890, p. 829).

As cidades medievais eram cercadas de muralhas de proteção, no qual eram denominadas Burgos, justamente da palavra burgo que surge a palavra burguês, a nova classe da sociedade, que até tal momento eram os servos, expulsos ou fugitivos dos feudos. Os burgueses passaram a acumular capital, por meio do comércio, e normalmente investiam em novos empreendimentos, que lhes proporcionavam mais lucros. Para resolver o problema da exploração por meio dos impostos, os burgueses passaram a apoiar os monarcas feudais, surgindo assim, às monarquias absolutas, com poderes ilimitados pelo rei. Esse poder era

---

<sup>4</sup> “A **Peste Negra**: foi um surto de peste bubônica que dizimou a população européia. Calcula-se que mais de 25 milhões de pessoas tenham morrido devido à peste negra. Ela naturalmente causou uma grave escassez de mão-de-obra, e desse modo os servos tornaram-se mais exigentes de sua liberdade” (ORDONEZ, Marlene; QUEVEDO, Júlio. *História*. São Paulo: IBEP, 1999).

subordinado às pressões de sua e outras classes. Desse modo, a burguesia ia se constituído progressivamente como classe dominante (ORDONEZ; QUEVEDO, 1999).

Segundo Marx (1890), naquele momento histórico havia uma legislação que congelava o valor das terras da nobreza, assim, a nobreza enfraquecia já que o preço do que consumiam subiam, enquanto sua renda continuava a mesma. Desse modo, eram expropriados os nobres e seus servos, não a classe trabalhadora livre. Assim, se transformavam em burgueses ou proletariados (classe trabalhadora livre, que não possuía os meios de produção).

Consequentemente, com aumento do comércio, começaram a faltar metais para fazer moedas, sendo que a solução para esses problemas estava na exploração de novos mercados, capazes de fornecer alimentos e metais preciosos a baixo custo. Isso se deu por meio da expansão marítima e comercial, que consequentemente proporcionou o desenvolvimento das grandes navegações, visando realizar novas descobertas. De acordo com Pereira e Gioia (1999, p. 164), “o primeiro país que se lançou nesses empreendimentos marítimos foi Portugal, que não apenas descobriu um caminho pelo Atlântico para chegar ao Oriente, como também descobriu novas terras, que se transformaram em colônias portuguesas. [...] durante os séculos XV e XVI”.

Segundo o mesmo autor, com as descobertas surgiram novos conhecimentos, que acusavam a maneira de pensar feudal por seu vazio intelectual. Como consequência das grandes navegações, houve a descoberta do novo mundo que alterou o pensamento dos homens, pois não se tinha certeza de mais nada. Então passaram a derrubar as crenças religiosas para provar novas ciências. Assim, com o novo mundo surgia uma nova ciência, dando origem à revolução científica, que levou os homens a ter uma nova forma de pensar, mais voltada para a prática, não para o lado espiritual, pois seria impossível chegar à perfeição de tudo, como pregava a Igreja Católica. Desse modo, o mundo se transformava, com o fortalecimento do comércio e as novas formas de produção, que buscavam um conhecimento mais aprofundado da natureza, por meio de um pensamento científico. A ciência e a técnica começavam a ser aplicadas na produção e, posteriormente, no século XVIII, acarretaria o desenvolvimento industrial, quando então o modo de produção capitalista se consolidaria.

A exploração das colônias por meio de saques, especulação comercial, tráfico de escravos e monopólios mercantis propiciaram enormes oportunidades de enriquecimento para uma

parcela da burguesia. Sendo assim, estes fenômenos históricos definiram duas classes, a burguesia e o proletariado (MARX, 1890).

Com as mudanças, inovações e evoluções proporcionadas pelas transformações socioeconômicas e políticas desse período de transição (modo de produção do feudalismo para o capitalismo), manifestavam-se as exigências das sociedades na procura de um maior grau de adequação do ser humano aos novos tempos, já que a educação formal persistia na doutrina cristã, no método escolástico<sup>5</sup> ditado pela Igreja Católica. Entretanto, com a estabilização de um novo modo de produção, capitalista e o surgimento de uma nova classe dominante, a burguesia, surgia à necessidade de formar o homem voltado para as questões da realidade, mas, baseado em modelos, que seria a leitura de clássicos. Assim, dava-se o início da ruptura com o saber medieval, passando-se a educação humanista.

Aliada ao rompimento das idéias do mundo medieval, rompeu-se também a confiança nos velhos caminhos para a produção do conhecimento: a fé, a contemplação não eram mais consideradas vias satisfatórias para se chegar à verdade. Um novo caminho, um novo método, precisava ser encontrado, que permitisse superar as incertezas (PEREIRA e GIOIA, 1999, p. 177).

Dessa forma, as transformações ocorridas pela transição do modo de produção feudal para o capitalismo, proporcionaram mudanças tanto no modo de produção, como também na maneira dos homens manterem suas relações sociais.

## 2. Quem foi Karl Marx?

Para realizarmos uma compreensão da visão de Karl Marx, é necessário iniciarmos por uma contextualização de sua bibliografia, pois suas relações sociais, desenvolvida ao longo de sua vida, foram fundamentais para a formação de seu pensamento.

---

<sup>5</sup> “A Escolástica representa o último período do pensamento cristão, que vai do começo do século IX até o fim do século XVI, isto é, da constituição do sacro romano império bárbaro, ao fim da Idade Média, que se assinala geralmente com a descoberta da América (1492). Este período do pensamento cristão se designa com o nome de *escolástica*, porquanto era a filosofia ensinada nas escolas da *época*, pelos mestres, chamados, por isso, *escolásticos*. As matérias ensinadas nas escolas medievais eram representadas pelas chamadas artes liberais, divididas em trívio - gramática, retórica, dialética - e quadrívio - aritmética, geometria, astronomia, música. A *escolástica* surge, historicamente, do especial desenvolvimento da dialética” (MUNDO DOS FILOSOFOS. *A escolástica pré-tomista*. Disponível em: <http://www.mundosdosfilosofos.co.br/escolastica.htm>. Acessado em: 11 jun 2009).

Segundo Lenin (1979), Karl Marx nasceu em 05 de maio de 1818 em Treves (Prússia renana) e faleceu em Londres em 1883. Vindo de uma família não revolucionária e protestante, Karl Marx estudava as obras de Hegel<sup>6</sup>, no início de seus estudos. Mas, quando Karl Marx entrou em contato com as obras de Ludwig Feuerbach<sup>7</sup>, Karl Marx deixou de ser protestante e passou a compreender melhor o materialismo, pois Feuerbach era contra a religião, sendo que consequentemente Karl Marx, ao começar a estudar o materialismo, deixou de ser protestante.

Piettre (1969, p. 13) relata que mesmo formado em doutor em filosofia, Karl Marx em 1842 “renuncia à Universidade pelo jornalismo”. “Mas a *Gazeta Renana*, que ele dirige, é pouco depois interdita”, em 1843, a partir dessa data, “torna-se a sua vida a de um revoltado mais ou menos acuado pelos governos”. Em 1843, Karl Marx se casou com Jenny von Westfalen, sua amiga de infância, com quem se estabilizou em Paris, país este que em 1844, conheceu Friedrich Engels, com quem fez uma amizade que se prolongou durante toda sua vida.

De acordo com Lenin (1979), Karl Marx e Engels ao se tornarem amigos íntimos nesse período, os dois passaram a buscar a materialidade histórica, que seria o concreto, o real e a relação social entre os homens, para resolver as suas necessidades. Passaram a explicar o mundo por meio da matéria, relatando que o pensamento e a consciência pertencem ao homem. Assim, Karl Marx e Engels postularam novos conhecimentos, descartando a religião, política e passaram a compreender o real por meio da história. Segundo eles, a resposta verdadeira para o homem compreender seu tempo, estava no seu modo de produção, não, mas na religião, na moral ou em qualquer outra filosofia. Karl Marx crítica a teoria de Hume e de outros pensadores como Kant, que falavam que eram idealistas, mas na verdade não assumiam que eram materialistas. Karl Marx e Engels eram criticados, por lutarem contra os próprios capitalistas.

Segundo o mesmo autor, Karl Marx se apoiou em Hegel para a formação da dialética marxista, pois considerava apenas dialética de Hegel aproveitável, os outros pensamentos eles descarta. A dialética apresentada por Karl Marx, seria quando entendemos as contradições, que parte do senso comum (tese), que seria o conhecimento aparente, para buscar no modo de produção de um determinado período histórico a compreensão (antítese), e só assim chegar ao entendimento, que seria a essência, a totalidade (síntese), ou seja, seria a passagem da tese

---

<sup>6</sup> Hegel era considerado um idealista (LENIN, 1979).

<sup>7</sup> Feuerbach foi à figura chave do idealismo para o materialismo, para Marx (LENIN, 1979).

para antítese e em seguida para a síntese. Dessa forma, a dialética seria o movimento que busca as contradições. Karl Marx defendia a tese, que é só por meio da dialética que pode ocorrer à evolução do conhecimento, sendo necessário estudar as relações sociais, políticas e econômicas de um determinado período histórico, para compreender as contradições existentes.

Por ser acusado de ser um revolucionário, Karl Marx foi expulso da França, e passou a residir em Bruxelas. Karl Marx juntamente com Engels filiou-se na Liga dos Comunistas, e publicaram alguns dias antes da revolução de 1848 o *Manifesto do Partido Comunista*, “datam também desse período textos importantes na constituição do pensamento marxista, como, por exemplo, *A ideologia alemã*”. Ainda em 1848, Karl Marx retornou a Alemanha, e passou a chefiar o jornal *Nova Gazeta Renana*, entretanto, em 1849 novamente o jornal foi fechado, e Karl Marx foi novamente expulso, passando a residir em Londres, “onde deu continuidade a sua produção intelectual e atuação política” até a sua morte, em 1883. (ANDERY et al, 1999, p. 396).

De acordo com Andery et al (1999, p. 397), a vida de Karl Marx “não foi marcada apenas por um intenso trabalho intelectual”, pois “esteve presente na cena política, participando da organização e das reivindicações da classe trabalhadora, colaborando de uma maneira ou outra nos principais acontecimentos do período”. Dessa forma, podemos relatar que Karl Marx conseguiu compreender as contradições existentes na sociedade naquele momento histórico, já que presenciou de perto tais contradições.

Marx viveu numa época em que a Europa se debatia em conflitos, tanto no campo das idéias como no das instituições. Já na universidade, as doutrinas socialistas e anarquistas se encontravam no centro das discussões dos grupos que Marx freqüentava. Alguns dos pensadores que então alimentavam as esperanças transformadoras dos estudantes hoje são chamados de “socialistas utópicos” [...]. Dois momentos d história européia foram vividos por Marx intensamente e tiveram importantes reflexos em sua obra: as revoltas antimonárquicas de 1848 – na Itália, na França, na Alemanha e na Áustria – a Comuna de Paris, que, durante pouco mais de três meses em 1871, levou os operários ao poder, influenciados pelas idéias do próprio Marx. A insurreição acabou reprimida, com um saldo de 20 mil mortes, 38 mil prisões e 7 mil deportações (RAMALHO, BENCINI, 2008, p. 55).

### 3. A visão de Karl Marx sobre a sociedade capitalista

Diante de tal bibliografia, podemos dizer que Karl Marx foi muito além de um escritor, sendo que mesmo depois de seu falecimento, suas idéias não desapareceram, e passaram a ser conhecidas, como Marxismo, que é um sistema de idéias e da doutrina de Karl Marx como relata Lenin (1979). Sendo que a teoria marxista aborda quatro níveis fundamentais para a análise: filosófico, econômico, político e sociológico em torno de uma idéia central de transformação permanente.

É importante salientar, que Karl Marx via que a sociedade era formada por divisões de classes sociais. De acordo com Oliveira e Quintaneiro (2007, p. 43), Karl Marx distingue conceitualmente as classes em um conjunto de membros de uma sociedade que são identificados por compartilhar determinadas condições objetivas, ou a mesma situação no que se refere à propriedade dos meios de produção, “das *classes para si*, classes que se organizam politicamente para a defesa consciente de seus interesses, cuja identidade é construída também do ponto de vista subjetivo”. Sendo que a sociedade possui dois lados, “de um lado, os proprietários ou possuídos dos meios de produção, de outro, os que não os possuem”, ou seja, a classe dos dominantes e dos dominados (OLIVEIRA; QUINTANEIRO, 2007, p. 41).

Marx não deixou uma teoria sistematizada sobre as classes sociais, embora este seja um tema obrigatório para que suas interpretações a respeito das desigualdades sociais, da exploração, do Estado e da revolução sejam compreendidas. Tal teoria acabou por ser constituída a partir dos elementos disseminados em seus distintos trabalhos. O ponto de partida é que a *produção* é “a atividade vital do trabalhador, a manifestação de sua própria vida”, e através dela o homem se humaniza. No processo de produção os homens estabelecem entre si determinadas relações sociais através das quais extraem da natureza o que necessitam. Desde aí, Marx reflete sobre o significado – para o indivíduo e a sociedade – da apropriação por não-produtores (pessoas, empresas ou o Estado) de uma parcela do que é produzido socialmente, e desenvolve sua concepção de *classe*, exploração, *opressão* e *alienação* (OLIVEIRA, QUINTANEIRO, 2007, p.40).

Desse modo, Karl Marx identificou os problemas históricos da sua época (século XIX), abrindo caminho para o estudo das formações econômicas e sociais das classes da sociedade. Assim, foi possível analisar que a vida social está repleta de contradições, como ricos e pobres, e que cabe a história nos mostrar a luta entre povos e sociedades, a que Karl Marx se refere como luta das classes.

Karl Marx considera que a sociedade é formada por indivíduos e pelo trabalho, sendo o trabalho que movimenta a sociedade, pois o ato de trabalho possui uma dimensão social, primeiramente porque ele também é o “resultado da história passada, é expressão do desenvolvimento anterior de toda a sociedade”, em segundo, porque o “novo objeto promove alterações na situação histórica concreta em que vive toda a sociedade; abre novas possibilidades e gera novas necessidades que conduzirão ao desenvolvimento futuro”, e em terceiro porque os conhecimentos adquiridos passam a abranger duas dimensões: “tornam-se aplicáveis às situações mais diversas e transformam-se em patrimônio genérico de toda a humanidade na medida em que todos os indivíduos passam a compartilhar dos mesmos” (LESSA; TONET, 2008, p. 26).

Assim, firma-se pela visão de Karl Marx que todo ato humano é baseado nas evoluções da sociedade passada, ou seja, todo ato humano é um ato histórico e social. O trabalho nesse contexto é considerado um fundamento do ser social, pois por meio da transformação da natureza, se produz a base material da sociedade. Andery et al (1999, p. 401), relata que para Karl Marx, o trabalho é uma categoria essencial “que lhe permite não apenas explicar o mundo e a sociedade, o passado e a constituição do homem, como lhe permite antever o futuro e propor uma prática transformadora ao homem, propor-lhe como tarefa construir uma nova sociedade”.

Andery et al (1999, p. 405) apud de La ideologia alemana (p. 19-20), descreve que

Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material. O modo como os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza mesma dos meios de vida com que se encontram e que se trata de reproduzir. Este modo de produção não deve ser considerado somente enquanto a reprodução da existência. É já, mais que isto, um determinado modo da atividade destes indivíduos, um determinado modo de manifestar sua vida, um determinado modo de vida dos mesmos. Da forma como os indivíduos manifestam a sua vida, assim, são. O que são coincide, por conseguinte, com sua produção, tanto com o que produzem como com o modo como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção.

Podemos relatar que ao produzir seus meios de vida, que ocorre por meio do modo de produção de bens materiais, o homem vem atender as suas necessidades. Sendo que podemos considerar a produção de bens materiais como a base de qualquer formação socioeconômica,

já que os bens materiais são necessários para que a sociedade se desenvolva, como por exemplo: alimentos; remédios; habitação; vestuários, entre outros.

Para Karl Marx, o que movimenta o desenvolvimento da produção de bens em uma sociedade são as forças de trabalho, que é determinada pela relação entre o homem e a natureza; e as relações de produção, que é determinada pela relação entre os homens entre si. Ou seja, para produzir os bens materiais, é necessário que os homens se relacionem ou trabalhe entre si, sobre a matéria-prima, que e a natureza. Karl Marx descreve que as relações de produção em uma sociedade, determinam as forças produtivas que forma a estrutura econômica da sociedade, sendo que a sociedade capitalista tem por base o caráter exploratório, pois presenciamos uma constante contradição nesse modo de produção, a riqueza e a pobreza (ANDERY, et al, 1999).

Para Lessa e Tonet (2008, p. 118), “o domínio das necessidades do capital sobre as humanas faz com que, no dia-a-dia, as pessoas percebam como possíveis apenas àquelas que refletem o processo de acumulação do capital”, pois o que se propaga no sistema capitalista é o valor do dinheiro, sendo que o homem acaba conseqüentemente sendo considerado uma mercadoria, já é estabelecido o mínimo de assalario a ser recebido pelo seu trabalho.

Assim, podemos relatar que as classes sociais são complementares, já que uma depende da outra, sendo que cada classe social quando surge estabelece sua dominação sempre sobre a anterior. “Porém, com o passar do tempo a oposição entre a nova classe que domina e a classe não-dominante se agrava e se aprofunda provocando uma nova transformação”, que é o Karl Marx propõem, uma revolução, que só vai ocorrer quando acontecer a superação da alienação em todos os aspectos, possibilitando o retorno a vida humana, não desumana como ocorre no sistema capitalista (MOLINA; LARA, 2006, p. 63).

Diante desse contexto, observa-se que a vida em sociedade é controlada pela alienação imposta pelos capitalistas. Dessa forma, a estruturação do sistema educacional, reflete os interesses dos capitalistas, já que o sistema educacional esta totalmente vinculada às relações socioeconômicas, políticas e culturais presentes na sociedade. Podemos relatar que a alienação presente no modo de produção capitalista, encontra-se presente em todos os segmentos que compõem a estruturação de uma sociedade.

Segundo Ramalho e Bencini (2008, p. 54), o papel da educação seria combater a alienação e a desumanização, presentes na sociedade, desde que o sistema de aplicação não esteja contaminado por esses métodos. “ filósofo alertava para o risco de a escola ensinar conteúdos sujeitos a interpretações de partido ou de classe”.

Ele valorizava a gratuidade da educação, mas não o atrelamento a políticas de Estado – o que equivaleria a subordinar o ensino à religião. Marx via na instrução das fabricas, criada pelo capitalismo, qualidades a ser aproveitadas para um ensino transformador – principalmente o rigor com que encarava o aprendizado para o trabalho. O mais importante, no entanto, seria ir contra a tendência “profissionalizante”, que levava as escolas industriais a ensinar apenas o estritamente necessário para o exercício de determinada função. Marx entendia que a educação deveria ser ao mesmo tempo intelectual, física e técnica. [...] O filósofo não chegou a fazer uma análise profunda da educação com base na teoria que ajudou a criar. Isso ficou para seguidores como o italiano Antonio Gramsci (1891-1937), o ucraniano Anton Makarenko (1888-1939) e a russa Nadia Krupskaja (1869-1939) (RAMALHO, BENCINI, 2008, p. 54).

Dessa forma, a educação teria a função social de tornar a sociedade mais humana, a partir da compreensão do mundo físico e social. Libertando-se assim, da alienação aplicada pela classe dominante, que se encontra presente na estruturação de nosso sistema educacional.

### **Considerações finais**

A partir desse estudo, podemos perceber que o século XIX, foi o século da estabilização do sistema capitalista, sendo que as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, decorrentes dessa estabilização, proporcionaram grandes mudanças na vida em sociedade. Karl Marx que vivenciou tais transformações contribuiu em grande estilo para a compreensão da organização e funcionamento da sociedade capitalista.

Diante de sua visão, compreendemos que o homem é um indivíduo histórico, e tem o poder de modificar sua natureza (a sociedade). Que a sociedade é dividida por classes sociais, sendo que cada uma, busca principalmente atender seus interesses subjetivos. Que as transformações ocorrentes na sociedade é proveniente do ato do trabalho, que também é um ato histórico, pois parte de conhecimentos já estabelecidos, para criar novos conhecimentos. Sendo que o homem trabalha para atender suas necessidades, e por viver de forma coletiva, as produções dos bens materiais, também ocorrem de forma coletiva, por meio da força do trabalho e das relações de produção, ou seja, por meio da relação entre os homens e a natureza.

No processo de produção material, a força de trabalho é vendida ao capitalista pela classe trabalhadora em troca de um salário. Nesse processo é que aparece a contradição presente entre forças produtivas e relações de produção. Essa contradição, que surge nas relações de produção explica a existência da história como uma sucessão de modos de produção levando ao colapso de um modo de produção e a sua substituição por outro. Essa transformação se daria a partir da consciência da classe trabalhadora ao perceber que o modo de produção capitalista condiciona e aliena os indivíduos – trabalhadores – separado-os de sua própria produção (MOLINA; LARA, 2006, p. 66).

Portanto, o sistema capitalista por ter como característica uma contradição marcante entre as classes sociais (ricos e pobres), torna-se desumana a relação entre essas classes, pois uma das artimanhas mencionadas por Karl Marx, é que o homem passou a ser considerado uma mercadoria, que recebe (dinheiro) o valor mínimo muitas vezes, para sua própria sobrevivência, ou seja, uma mercadoria que vem atender a classe dominante, que visa à acumulação do capital.

A partir do que foi exposto nesse trabalho, concluímos que todos os segmentos da sociedade encontram-se alienados ao sistema capitalista, sendo que os governantes passam a ilusão para a população “sem informação”, que tudo é normal, e esta satisfatoriamente bem.

Entretanto, diante dos escritos de Karl Marx, podemos perceber que o que falta para se libertarmos da alienação e da desumanização presente na sociedade atualmente, é a educação. Mas, não a educação como esta sendo apresentada, mas sim, uma educação que passa uma compreensão de mundo físico e social, ou seja, que engloba todos os aspectos do funcionamento da sociedade, sem nenhum interesse de fixação de domínio de poder. Sabemos que esse processo é lento, e pode se prorrogar durante anos, mas como a sociedade esta em constante processo de transformação, o mesmo não é impossível.

## **Referências**

ANDERY, Maria Amália, et al. A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883). In: \_\_\_\_\_. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. São Paulo: EDUC, 1999. p. 395-420.

CHAUI, Marilena. A ciência. In: \_\_\_\_\_. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.

LENIN, V. Breve nota bibliográfica contendo uma exposição sobre o marxismo. In: \_\_\_\_\_. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global, 1979. p. 07 – 54.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. O trabalho e a sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MOLINA, Adão Aparecido; LARA, Ângela Mara de Barros. Ciências e conhecimento em Marx Engels. *Revista FANP*: Faculdade do Noroeste Paranaense, Nova Esperança, v. 2, n. 1, p. 57-67, jan./dez. 2006.

NICOLA, Ubaldo. Marx. In: \_\_\_\_\_. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.

OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de; QUINTANEIRO, Tânia. Karl Marx. OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de; QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira (Orgs.). *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber*. Belo horizonte: UFMG, 2007.

ORDONEZ, Marlene; QUEVEDO, Júlio. *História*. São Paulo: IBEP, 1999. (Coleção Horizontes).

PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli; GIOIA, Sílvia Catarina. Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In: ANDERY, Maria Amália pie Abib et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. São Paulo: EDUC, 1999.

PIETTRE, André. *Marxismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

RAMALHO, Priscila; BENCINI, Roberta. Karl Marx: o filósofo da revolução. In: \_\_\_\_\_. *Grandes Pensadores. Nova Escol*: edição especiala, São Paulo, n. 19, p. 53-54, Jul. 2008.